



RESENHA DO LIVRO “A CRISE DAS CIÊNCIAS HUMANAS” - HILTON JAPIASSU

Giovanna Duarte da Silva Mantuano*

O livro “A Crise das Ciências Humanas” de Hilton Japiassu, em linhas gerais, trata do percurso de uma “filosofia primeira” e no que via a ser depois chamado de ciências do homem, e mais tarde, de ciências humanas, discutindo como estas proporcionam respostas fracionadas aos enigmas da natureza humana, em contraposição às religiões e mitos do passado. Expõe, também, o desafio de superar o conhecimento compartimentalizado em face de problemas globais. A proposta, pois, do autor é de uma ciência transdisciplinar.

Seguindo no objetivo, Japiassu observa que todos os saberes que Aristóteles denominava política, os modernos passariam depois a chamar de ciências humanas, ciências sociais, ciências do homem, ciências sociais críticas. Ele aponta que uma das grandes contribuições do Renascimento foi a de promover o entendimento situado no homem “a medida de todas as coisas”. Por isso, seu destino não poderia mais ser subordinado a nenhuma lei exterior divina, pois com o início da modernidade, o sujeito ousa a dizer “eu”, e o indivíduo se torna o objetivo e a norma de tudo, sendo o poder não mais exercido em nome dos deuses.

Em Marx, “o indivíduo é o ser social”. Essa é uma fase que se desenvolve o espírito crítico, promovendo a liberação da filosofia em relação à teologia e lança-se na busca do conhecimento suscetível, sem ignorar as culturas e as sociedades particulares. Mas foi só no século XVIII que a Humanidade viu o projeto de fundação de uma ciência tendo por objeto o homem. É nesse sentido que surge Giambattista Vico, o primeiro filósofo que em vez de partir da Razão, parte do devir histórico dos diferentes povos. Essa ideia influenciou o materialismo de Marx, para quem o progresso histórico se faz através das contradições.

* É mestre em Ensino de Ciências Humanas e Sociais - UERN (2022). Possui graduação em Ciências Sociais - UFRN (2019). É professora auxiliar. Foi estagiária no laboratório de Arqueologia no Museu Câmara Cascudo - UFRN (2013-2014). Fez parte do projeto América Latina no Cinema - UFRN. Tem interesse pelas áreas: Sociologia da Educação; Antropologia da Educação; Educação e Diversidade; Pedagogia Libertária; Desvio e Estigma em contexto escolar. Faz parte do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Educação - NEED. Contato: duartemantuano@gmail.com



Pouco tempo depois, alguns pensadores lançaram-se na aventura do conhecimento a fim de dar corpo a um projeto da Sociedade dos Observadores do Homem (as ciências humanas como a conhecemos hoje). Seu objetivo era criar uma observação meticulosa do Homem, e criar a Ciência do Homem, para se construir uma verdadeira ciência das ideias. Os membros desta sociedade se encontram, dentre outros, na origem da Antropologia, no século XX, sob a influência de Margaret Mead e Ruth Benedict. Qual a ambição da Sociedade dos Observadores do Homem? Compreendê-lo e explicá-lo usando os aspectos físicos, morais, econômicos, históricos, culturais e religiosos.

Isso porque, como disse Foucault, *“todas as ciências humanas se entrecruzam e podem ser interpretadas umas pelas outras”*, pois as disciplinas humanas possuem um eixo comum em seus estudos e objetos empíricos: o mental, o social, o desejo, o inconsciente, a cultura e o mito, etc. No dizer da ciência, nos diz o filósofo Karl Popper, a dificuldade epistemológica central das ciências do homem é uma objetividade que a torna muito difícil e limitada. Ora, o próprio conhecimento científico busca certa objetividade, é nesse sentido que o positivismo busca uma ciência social racional e um imperativo se coloca: as ciências humanas deveriam ser colocadas no modelo do design, a fim de que elas fossem restauradas toda a proteção subjetiva.

Logo depois, e por fim, o autor se detém ao estruturalismo e ao humanismo. Na tese central do estruturalismo está Claude Lévi-Strauss defendendo, em 1960, que *“o objetivo último das ciências humanas não é o de construir o homem, mas dissolvê-lo”* e suas teorias repetem: para compreendermos o mundo humano, não devemos partir do homem, mas das manifestações que se elaboram fora das ilusões do pensamento consciente, quer dizer, das *estruturas* regendo as relações que tecem o social. Isto posto, depois da “morte de Deus”, teria chegado a hora da “morte do homem” que morre enquanto valor e centro de interesse. Ao contrário, o filósofo Jean-Paul Sartre acredita que a dignidade do homem constitui o valor supremo e admite a possibilidade de emancipação cultural do humanismo e afirma: o existencialismo é humanismo.

Por isso, Japiassu propõe que para superarmos a crise das ciências humanas, precisamos restabelecer o seu caráter histórico, crítico e reflexivo, contra uma tecnização pretensamente científica que tenta despojá-la de sua humanidade. Caso



persista essa tendência de tecnização e instrumentalização privando-as de sua “humanidade”, assistiremos à morte do que deveria constituir um tipo de investigação não cientificista que envolve uma crítica do saber e a invenção de novos conceitos para compreender o estatuto do “humano” em suas relações com os saberes e os poderes implicando o sujeito, em vez de dissolvê-lo em modelos de objetivação redutores. Com isso, estamos, pois, diante de uma ciência eminentemente interpretativa.

Em seguida, o autor nos interpõe a pensar sobre os fatos incontestáveis da organização da pesquisa no século passado: uma especialização acelerada e extremada dos conhecimentos. A fragmentação foi tão exagerada que nenhum pesquisador considera mais químico, mas um especialista em combustão de materiais compostos, por exemplo. Contudo, diante das exigências de um pensamento global, vale a pena refletirmos sobre os impasses de uma interdisciplinaridade tendo que enfrentar uma dupla cegueira: a) o etnocentrismo das disciplinas acarretando o fechamento em suas identidades particulares concretas; b) o pensamento tecnocientífico privilegiando sua hiperespecialização e atrofiando uma perspectiva globalizante.

A proposta de Japiassu, portanto, é o de uma transdisciplinaridade capaz de abrir um novo campo ao conhecimento em que possa circular da filosofia às ciências humanas sem estabelecer uma posição entre diversos modos de experimentação. Porque eis o grande desafio lançado ao pensamento: diluir a persistência de um modo de conhecimento que privilegia os saberes fragmentados, parcelados e compartimentados. O transdisciplinar, pois, diz respeito ao que está *entre* as disciplinas, *através* delas e *além* de cada uma.

Referência bibliográfica:

JAPIASSU, Hilton. **A Crise das Ciências Humanas**. São Paulo - SP: Cortez Editora, 2014.